

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Formação
Docente:
Princípios e
Fundamentos 6



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Formação Docente: Princípios e Fundamentos 6

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof^a Dr^a Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F723	Formação docente [recurso eletrônico]: princípios e fundamentos 6 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Formação Docente: Princípios e Fundamentos; v. 6) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-372-9 DOI 10.22533/at.ed.729193005 1. Educação. 2. Professores – Formação. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No seu sexto é necessário refletir a formação de professores reflexivos compreende um projeto humano emancipatório, implica em posições político-educacionais que apostam nos professores como autores na prática social. A formação de professores na disposição reflexiva, se configura como uma política de valorização do desenvolvimento pessoal e profissional dos professores e das instituições escolares, uma vez que supõe condições de trabalho propiciadoras da formação continua dos professores, no local de trabalho, em redes de autoformação, e em parceria com outras instituições de formação. Isto porque trabalhar o conhecimento na dinâmica da sociedade, da globalização, da multiculturalidade, das transformações nos mercados produtivos, na formação dos alunos, crianças e jovens, também eles, em constante processo de transformação cultural, de valores, de interesses e necessidades, requerem permanente formação, entendida como re-significação identitária dos professores. Esperamos consolidar novos saberes sobre os processos identitários e de construção de saberes por professores em suas práticas. E nesse sentido, colaborar para as decisões de formação de professores e a valorização da docência enquanto mediação para a superação do fracasso escolar.

No artigo APORTES PARA A INCLUSÃO À DOCÊNCIA NO ÂMBITO DA FORMAÇÃO INICIAL, os autores Solange Aparecida de Souza Monteiro e Paulo Rennes Marçal Ribeiro buscam apresenta como principal indicativo a necessidade de reformulação dos cursos de licenciatura, recomendando um modelo de inclusão orgânica que propicie ao futuro professor, através de intervenções práticas organizadas, um preparo consistente para o ingresso na profissão. No artigo PROFESSORES DE CIÊNCIAS EM FORMAÇÃO INICIAL: MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL, os autores Renata Harumi Muniz dos Santos, María Elena Infante-Malachias buscam estudar o que alunos que desejam se tornar professores pensam a respeito da carreira e investigar os motivos que os levaram a escolher a profissão. No artigo PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM INÍCIO DE CARREIRA: UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO os autores Daniela dos SANTOS, Taynara Franco de CARVALHO, Samuel de SOUZA NETO buscam identificar o que vem sendo pesquisado acerca do professor em início de carreira, em específico no campo da Educação Física. No artigo PROFESSORES DE QUÍMICA E SITUAÇÕES DA SOCIEDADE ATUAL: VALORIZAÇÃO PESSOAL E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO os autores Lara Vieira Leite, Naãma Cristina Negri Vaciloto, Fabio Luiz de Souza, Luciane Hiromi Akahoshi, Maria Eunice Ribeiro Marcondes buscam identificar o quanto situações como essas citadas são levadas em consideração pelos professores na sua vida pessoal, o quanto são consideradas pertinentes ao ensino e se estão sendo abordadas nos Cadernos de Química do Estado de São Paulo. No artigo PROGRAMA NÚCLEO DE ENSINO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA INCLUSIVA E ASPECTOS MOTIVACIONAIS NA DOCENCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ESCOLAR, os autores RUBENS VENDITTI JUNIOR, MILTON VIEIRA DO PRADO JUNIOR, LETÍCIA DO CARMO CASAGRANDE MORANDIM, DÉBORA GAMBARY FREIRE BATAGINI, RODOLFO LEMES DE MORAES, MÁRCIO PEREIRA DA SILVA buscam descrever os autores buscam as experiências com professores de Educação Física (EF) em perspectiva inclusiva, destacando aspectos motivacionais na docência e a autoeficácia No artigo PROJETO ENERGIA: FONTES, PRODUÇÃO E A IMPORTÂNCIA DE SUA ECONOMIA, os autores José Daniel Soler Garves Laís de Souza Teixeira, Ana Leticia Antonio Vital, Aparecida Brunetti Arante de Souza, Beatriz Nunes Herreira, Gabriela Lozano Olivério, Vinícius Santos dos Reis, Ângela Coletto Morales Escolano buscam Identificar possíveis maneiras de se resolver problemas ambientais sem comprometer o futuro tecnológico, é a principal meta dos próximos anos. No artigo PROPOSTA DE ATIVIDADE MULTIDISCIPLINAR ENTRE AS DISCIPLINAS DE BIOLOGIA, QUÍMICA E CIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL II E MÉDIO, os autores Camila Lehnhardt Pires Cunha Antônio Carlos Duarte Camacho, buscam relatar a experiência docente em aulas pratico-teóricas, utilizando uma abordagem mais ampla e contextualizada do conhecimento, em especial das disciplinas de Biologia, Química e Ciências, pode ser considerada como uma boa opção de trabalho para o docente. No artigo REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA: REAÇÕES, INTERESSES E EXPECTATIVAS DE DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL I E II, as autoras Adriana Patrício Delgado, Elisabeth Márcia Ribeiro Machado da Silva, Eliana Sala, buscam analisar analisa a experiência de cinco encontros de formação continuada (no período de 2012 a 2015), estruturados em oficinas pedagógicas temáticas, direcionadas a professores do Ensino Fundamental I e II. No artigo REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES as autoras buscam relatar sobre as reflexões e mudanças vivenciadas na prática pedagógica por discentes de um curso de mestrado stricto sensu do oeste paulista. No artigo RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, as autoras Ana Lúcia Penteado Urban, Bruna Rafaela de Batista, Luci Pastor Manzoli buscam descrever as principais contribuições resultantes da formação inicial de duas egressas do curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. No artigo SABERES DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PROFESSORA INGRESSANTE NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE ATIBAIA-SP, a autora Silvana Saraid da Silva busca apresentar um relato de experiência sobre os saberes do professor na sua primeira experiência como docente no ensino fundamental. No artigo SABERES DOCENTES: UMA REVISÃO NECESSÁRIA NOS CURRÍCULOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, o autor Elize Keller-Franco busca analisar em que medida a inovação tem respondido às propostas de atualização dos saberes na formação inicial de professores. Os dados foram obtidos por meio da análise de documentos. Os resultados indicam a abordagem integradora do conhecimento. No artigo SUPORTE NA TEORIA DE PIAGET PARA O

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE, os autores Vânia Galindo Massabni, Vinicius Nicoletti, Luca Pinto Marson buscam dimensionar o papel da teoria de Piaget na reflexão sobre situações pedagógicas vividas em sala de aula durante aulas de licenciandos em Ciências no ensino básico. No artigo TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO BRASILEIRA SOBRE JOGOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA, os autores Jean Carlos Lemes, Iávia Sueli Fabiani Marcatto buscam apresentar um mapeamento das Comunicações Científicas, nos anais do Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM), no período de 2001 a 2016. No artigo TRABALHO COLABORATIVO COMO CONDIÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, as autoras Patrícia Cristina Albiéri de Almeida e Gisela Lobo Baptista Pereira Tartuce busca analisar a articulação entre avaliação institucional (AVI) e projeto político-pedagógico (PPP), a partir de projeto realizado em um município brasileiro, onde uma amostra de escolas desenvolveu um processo de avaliação institucional com vistas a reelaborar seu PPP. No artigo UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS CURRICULARES DIFERENCIADAS NO CURSO DE PEDAGOGIA: ENTRE A TRADIÇÃO E A INOVAÇÃO, os autores Adriana Patrício Delgado, Mariangelica Arone busca apresentar relatos de experiência de estudantes do segundo semestre do curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior privada localizada no município de São Paulo. No artigo TITLE: UNIVERSITY SOCIAL RESPONSIBILITY: A MODEL FOR THE METROPOLITAN UNIVERSITY OF ECUADOR (UMET), Author (s): Eng. Narda Gisela Navarros Mena. Msc. At present, the praxis of the University Social Responsibility (USR) has gained a great international boom. In the university environment, it is important to understand the impact of universities on society in general. Not only as an extension of the results of those sectors with greater needs, but as generators of impacts on society and the environment. No artigo USO DA TRI PARA ANÁLISE DE UM SIMULADO, os autores Alan Kardec Messias da SILVA, Aceldo de Jesus BRITO, Luciana Bertholdi MACHADO busca analisar de um Simulado da Prova Brasil aplicado nas turmas de 5º ano como uma das ações do projeto Observatório da Educação com Iniciação à Ciência (OBEDUC), vinculado ao Campus da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), localizado em Barra do Bugres – MT. No artigo USO DAS GEOTECNOLOGIAS COMO FERRAMENTAS AUXILIARES NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES, os autores Hélio Ricardo SILVA, Paula Beatriz Pereira de OLIVEIRA, João Henrique Pinheiro DIAS Maria Ângela de Moraes CORDEIRO, Lucas Alves de ALMEIDA, Adauto Ferreira SIQUEIRA, Diogo Tiago da SILVA, buscam transmitir conceitos de sustentabilidade aos professores e alunos do Curso Técnico em Meio Ambiente da Escola Técnica Estadual de Ilha Solteira (ETEC) do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETPS). No artigo UTILIZAÇÃO DA REALIDADE AUMENTADA E DA REALIDADE VIRTUAL NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA MAKER, Cláudia Coelho HARDAGH, Ana Maria dos Santos RODRIGUES buscam apresentar a pesquisa realizada para desenvolver propostas metodológicas para a utilização da Realidade

Aumentada (RA) e Realidade Virtual (RV), a partir do projeto de extensão da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) no curso de Pedagogia com escolas públicas de São Paulo para formação de professores. No artigo VIVÊNCIAS DE UMA PROFESSORA INICIANTE: REPERCUSSÕES NA IDENTIDADE E NA PROFISSÃO DOCENTE, os autores Letícia Mendonça Lopes Ribeiro, Aline Cristina Miranda, Stela Maria Fernandes Marques buscam apresentar algumas experiências, essencialmente, marcantes no princípio da carreira docente de uma professora da Educação Básica Pública, considerando suas descobertas, inseguranças e conquistas consolidadas. No artigo A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR PARA A EDUCAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, os autores Camila Rennhard Bandeira de Mello e Rinaldo Molina buscaram realizar uma revisão bibliográfica a fim de mapear experiências sobre a formação e preparação de professores do ensino superior para o atendimento educacional de alunos com deficiência. No artigo A PROPOSTA DA NOVA BASE NACIONAL COMUM E A AVALIAÇÃO DE SISTEMA: CAMINHANDO NA CONTRAMÃO DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM? os autores Claudia Pereira de Pádua Sabia e Uillians Eduardo dos Santos buscam identificar as discussões em torno da elaboração da BNCC e sua relação com a avaliação de sistema, refletindo sobre as possíveis consequências para a avaliação da aprendizagem. No artigo “AINDA NÃO DESCOBRI, MAIS AINDA VOU DESCOBRIR...”: OS IMPASSES ESCOLARES COMO SINTOMA NA ESCOLA os autores Silvia de Carvalho Machione Trindade, Filomena Elaine Paiva Assolini buscam refletir, a partir de um relato de experiência, a respeito do impacto do sujeito do inconsciente nas dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita, as quais são tomadas aqui como sintomas do sujeito que se manifestam na escola. No artigo AÇÕES DE EXTENSÃO E PESQUISA UNIVERSITÁRIAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES INICIANTES: PROGRAMA DE APOIO AOS PROFESSORES INICIANTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE POÇOS DE CALDAS /MG (PAPIN)*, os autores Ana Maria Brochado de Mendonça Chaves e Carla Fernanda Figueiredo Felix buscaram apresentar o “Programa de Apoio aos Professores Iniciantes da Rede Municipal de Ensino de Poços de Caldas/MG (PAPIN)”, oferecido a professores iniciantes do ensino fundamental da rede pública de ensino nos âmbitos municipal e estadual, e alunos do Curso de Pedagogia da UEMG, que compartilham saberes profissionais docentes. No artigo AMIZADE E ÉTICA NA SALA DE AULA: REFLEXÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES, os autores Alonso Bezerra de Carvalho e Fabiola Colombani buscam apresentar algumas ideias e reflexões sobre a importância da amizade e da ética na formação dos professores. De caráter teórico, as reflexões aqui delineadas são resultados de uma revisão bibliográfica, sobretudo no campo da filosofia da educação. No artigo FORMAÇÃO DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA DAS CRIANÇAS PEQUENAS: relatos da equipe gestora e docente de uma escola do interior do Estado do Maranhão, os artigos Josélia de Jesus Araujo Braga de Oliveira, Tyciana Vasconcelos

Batalha, Waléria Lindoso Dantas Assis, buscam investigar as contribuições da formação continuada ofertada aos professores da Educação Infantil pela SEMED de São Mateus do Maranhão-MA para subsidiar o trabalho com a linguagem escrita na pré-escola. No artigo DESAFIOS ATUAIS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: DEMANDAS E IMPLICAÇÕES, os autores Jacqueline Lidiane de Souza Prais, Juliana Irani Villanueva dos Reis, Suzi Lane Amadeu Gussi, Sandra Aparecida Machado Furihata buscam apresentar uma discussão sobre a formação necessária e adequada para atuar no contexto atual da Educação. No artigo PERSPECTIVAS DOS ALUNOS DO 3º ANO MÉDIO DO EREM BELO JARDIM – PE: UMA INVESTIGAÇÃO DAS EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO ENSINO SUPERIOR E AS POSSÍVEIS CAUSAS DO DESINTERESSE EM OPTAR POR CURSOS DE LICENCIATURA, os autores Ingrid da Mota Araújo Lima; Nubênia de Lima Tresena, Xênia da Mota Araújo Lima apresentam uma pesquisa tem como objetivo compreender a percepção dos alunos no que se refere as suas expectativas em relação ao ensino superior, bem como as causas do desinteresse de alunos do 3º ano do ensino médio do EREM de Belo Jardim – PE em optar por cursos de licenciatura.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
APORTES PARA A INCLUSÃO À DOCÊNCIA NO ÂMBITO DA FORMAÇÃO INICIAL	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.7291930051	
CAPÍTULO 2	9
PROFESSORES DE CIÊNCIAS EM FORMAÇÃO INICIAL: MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL	
Renata Harumi Muniz dos Santos María Elena Infante Malachias	
DOI 10.22533/at.ed.7291930052	
CAPÍTULO 3	17
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM INÍCIO DE CARREIRA: UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	
Daniela dos Santos Taynara Franco de Carvalho Samuel de Souza Neto	
DOI 10.22533/at.ed.7291930053	
CAPÍTULO 4	26
PROFESSORES DE QUÍMICA E SITUAÇÕES DA SOCIEDADE ATUAL: VALORIZAÇÃO PESSOAL E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO	
Lara Vieira Leite Naãma Cristina Negri Vaciloto Fabio Luiz de Souza Luciane Hiromi Akahoshi Maria Eunice Ribeiro Marcondes	
DOI 10.22533/at.ed.7291930054	
CAPÍTULO 5	42
PROGRAMA NÚCLEO DE ENSINO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA INCLUSIVA E ASPECTOS MOTIVACIONAIS NA DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	
Rubens Venditti Junior Milton Vieira Do Prado Junior Letícia do Carmo Casagrande Morandim Débora Gambary Freire Batagini Rodolfo Lemes De Moraes Márcio Pereira Da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7291930055	
CAPÍTULO 6	57
PROJETO ENERGIA: FONTES, PRODUÇÃO E A IMPORTÂNCIA DE SUA ECONOMIA	
José Daniel Soler Garves Laís de Souza Teixeira Ana Letícia Antonio Vital Aparecida Brunetti Arante de Souza	

Beatriz Nunes Herreira
Gabriela Lozano Olivério
Vinícius Santos dos Reis
Ângela Coletto Morales Escolano

DOI 10.22533/at.ed.7291930056

CAPÍTULO 7 68

PROPOSTA DE ATIVIDADE MULTIDISCIPLINAR ENTRE AS DISCIPLINAS DE BIOLOGIA, QUÍMICA E CIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL II E MÉDIO

Camila Lehnhardt Pires Cunha
Antônio Carlos Duarte Camacho

DOI 10.22533/at.ed.7291930057

CAPÍTULO 8 78

REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA: REAÇÕES, INTERESSES E EXPECTATIVAS DE DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL I E II

Adriana Patrício Delgado
Elisabeth Márcia Ribeiro Machado da Silva
Eliana Sala

DOI 10.22533/at.ed.7291930058

CAPÍTULO 9 90

REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Jeong Cir Deborah Zaduski
Verônica Nogueira Vanni
Natalie Perez Mendes
Carmen Lúcia Dias

DOI 10.22533/at.ed.7291930059

CAPÍTULO 10 98

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Ana Lídia Penteado Urban
Bruna Rafaela de Batista
Luci Pastor Manzoli

DOI 10.22533/at.ed.72919300510

CAPÍTULO 11 106

SABERES DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PROFESSORA INGRESSANTE NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE ATIBAIA-SP

Silvana Saraid da Silva

DOI 10.22533/at.ed.72919300511

CAPÍTULO 12 112

SABERES DOCENTES: UMA REVISÃO NECESSÁRIA NOS CURRÍCULOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Elize Keller-Franco

DOI 10.22533/at.ed.72919300512

CAPÍTULO 13	124
SUORTE NA TEORIA DE PIAGET PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE	
Vânia Galindo Massabni Vinicius Nicoletti Luca Pinto Marson	
DOI 10.22533/at.ed.72919300513	
CAPÍTULO 14	136
TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO BRASILEIRA SOBRE JOGOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA	
Jean Carlos Lemes Flávia Sueli Fabiani Marcatto	
DOI 10.22533/at.ed.72919300514	
CAPÍTULO 15	152
TRABALHO COLABORATIVO COMO CONDIÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO	
Patrícia Cristina Albiéri de Almeida Gisela Lobo Baptista Pereira Tartuce	
DOI 10.22533/at.ed.72919300515	
CAPÍTULO 16	164
UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS CURRICULARES DIFERENCIADAS NO CURSO DE PEDAGOGIA: ENTRE A TRADIÇÃO E A INOVAÇÃO	
Adriana Patrício Delgado Mariangelica Arone	
DOI 10.22533/at.ed.72919300516	
CAPÍTULO 17	177
UNIVERSITY SOCIAL RESPONSIBILITY: A MODEL FOR THE METROPOLITAN UNIVERSITY OF ECUADOR (UMET)	
Narda Gisela Navarros Mena	
DOI 10.22533/at.ed.72919300517	
CAPÍTULO 18	186
USO DA TRI PARA ANÁLISE DE UM SIMULADO	
Alan Kardec Messias da Silva Acelmo de Jesus Brito Luciana Bertholdi Machado	
DOI 10.22533/at.ed.72919300518	
CAPÍTULO 19	199
USO DAS GEOTECNOLOGIAS COMO FERRAMENTAS AUXILIARES NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Hélio Ricardo Silva Paula Beatriz Pereira de Oliveira João Henrique Pinheiro Dias Maria Ângela de Moraes Cordeiro Lucas Alves de Almeida	

Adauto Ferreira Siqueira

Diogo Tiago da Silva

DOI 10.22533/at.ed.72919300519

CAPÍTULO 20 210

UTILIZAÇÃO DA REALIDADE AUMENTADA E DA REALIDADE VIRTUAL NA
PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA MAKER

Cláudia Coelho Hardagh

Ana Maria dos Santos Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.72919300520

CAPÍTULO 21 225

VIVÊNCIAS DE UMA PROFESSORA INICIANTE: REPERCUSSÕES NA IDENTIDADE
E NA PROFISSÃO DOCENTE

Letícia Mendonça Lopes Ribeiro

Aline Cristina Miranda

Stela Maria Fernandes Marques

DOI 10.22533/at.ed.72919300521

CAPÍTULO 22 242

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR PARA A EDUCAÇÃO
DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Camila Rennhard Bandeira de Mello

Rinaldo Molina

DOI 10.22533/at.ed.72919300522

CAPÍTULO 23 255

A PROPOSTA DA NOVA BASE NACIONAL COMUM E A AVALIAÇÃO DE SISTEMA:
CAMINHANDO NA CONTRAMÃO DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM?

Claudia Pereira de Pádua Sabia

Uillians Eduardo dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.72919300523

CAPÍTULO 24 266

“AINDA NÃO DESCOBRI, MAIS AINDA VOU DESCOBRIR...”: OS IMPASSES
ESCOLARES COMO SINTOMA NA ESCOLA

Silvia de Carvalho Machione Trindade

Filomena Elaine Paiva Assolini

DOI 10.22533/at.ed.72919300524

CAPÍTULO 25 278

AÇÕES DE EXTENSÃO E PESQUISA UNIVERSITÁRIAS NA FORMAÇÃO
CONTINUADA DE PROFESSORES INICIANTE: PROGRAMA DE APOIO AOS
PROFESSORES INICIANTE DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE POÇOS DE
CALDAS /MG (PAPIN)*

Ana Maria Brochado de Mendonça Chaves

Carla Fernanda Figueiredo Felix

DOI 10.22533/at.ed.72919300525

CAPÍTULO 26	289
AMIZADE E ÉTICA NA SALA DE AULA: REFLEXÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Alonso Bezerra de Carvalho Fabiola Colombani	
DOI 10.22533/at.ed.72919300526	
CAPÍTULO 27	301
FORMAÇÃO DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA DAS CRIANÇAS PEQUENAS: RELATOS DA EQUIPE GESTORA E DOCENTE DE UMA ESCOLA DO INTERIOR DO ESTADO DO MARANHÃO	
Josélia de Jesus Araujo Braga de Oliveira Tyciana Vasconcelos Batalha Waléria Lindoso Dantas Assis	
DOI 10.22533/at.ed.72919300527	
CAPÍTULO 28	311
DESAFIOS ATUAIS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: DEMANDAS E IMPLICAÇÕES	
Jacqueline Lidiane de Souza Prais Juliana Irani Villanueva dos Reis Suzi Lane Amadeu Gussi Sandra Aparecida Machado Furihata	
DOI 10.22533/at.ed.72919300528	
CAPÍTULO 29	323
PERSPECTIVAS DOS ALUNOS DO 3º ANO MÉDIO DO EREM BELO JARDIM – PE: UMA INVESTIGAÇÃO DAS EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO ENSINO SUPERIOR E AS POSSÍVEIS CAUSAS DO DESINTERESSE EM OPTAR POR CURSOS DE LICENCIATURA	
Ingrid da Mota Araújo Lima Nubênia de Lima Tresena Xênia da Mota Araújo Lima	
DOI 10.22533/at.ed.72919300529	
SOBRE A ORGANIZADORA	335

AMIZADE E ÉTICA NA SALA DE AULA: REFLEXÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Alonso Bezerra de Carvalho

Universidade Estadual Paulista – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras
Departamento de Educação
Assis - SP

Fabiola Colombani

Faculdade Católica Paulista – FACAP
Marília – SP

RESUMO: O presente capítulo pretende apresentar algumas ideias e reflexões sobre a importância da amizade e da ética na formação dos professores. De caráter teórico, as reflexões aqui delineadas são resultados de uma revisão bibliográfica, sobretudo no campo da filosofia da educação. Partimos da ideia de que na sala de aula se experimenta situações que tem desafiado os professores a buscar respostas e saídas que muitas vezes não são satisfatórias, podendo, inclusive, acirrar os ânimos entre eles e os seus alunos. Nessa perspectiva, a amizade pode ocupar um espaço na vida das pessoas, levando à mudança de atitudes e a uma nova postura ética entre de professores e alunos. Decorrente desse processo, a proposta é defender a ideia de que no processo de formação dos professores sejam assegurados conteúdos e discussões que levem em consideração a pluralidade e as singularidades existenciais que habitam o espaço escolar.

Para tanto, incluir temas atinentes ao campo da ética, tais como alteridade, amizade, etc., podem favorecer a construção de um ambiente relacional saudável e de um processo de aprendizagem e de ensino mais próximo dos interesses e desejos dos alunos, conforme levantamento exploratório realizado. Enfim, a reflexão proposta visa ir além dos pressupostos cognitivos e epistemológicos na educação, presentes e predominantes desde a formação dos docentes. A ética nos exorta a refletir e a examinar as crenças, os desejos, os valores e os sentimentos que constituem a existência de cada um de nós, que se manifesta nas nossas formas de agir, sentir, falar e pensar, também na sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores. Ética. Sala de Aula. Amizade.

ABSTRACT: This chapter intends to present some ideas and reflections on the importance of friendship and ethics in the formation of teachers. Of theoretical character, the reflections here outlined are results of a bibliographical revision, mainly in the field of the philosophy of the education. We start from the idea that in the classroom situations are experienced that have challenged teachers to seek answers and exits that are often not satisfactory, and may even stir up the mood between them and their students. From this perspective, friendship can

occupy a space in people's lives, leading to a change of attitudes and a new ethical stance between teachers and students. As a result of this process, the proposal is to defend the idea that contents and discussions that take into account the plurality and the existential singularities that inhabit the school space will be ensured in the teacher training process. In order to do so, to include topics related to the field of ethics, such as alterity, friendship, etc., can favor the construction of a healthy relational environment and a learning and teaching process closer to students' interests and desires, according to an exploratory survey accomplished. Finally, the proposed reflection aims to go beyond the cognitive and epistemological assumptions in education, present and predominant since the training of teachers. Ethics urges us to reflect and examine the beliefs, desires, values and feelings that make up the existence of each one of us, which is manifested in our ways of acting, feeling, speaking and thinking, also in the classroom .

KEYWORDS: Teacher training. Ethics. Classroom. Friendship.

1 | INTRODUÇÃO

É desafiante e uma das exigências para a educação contemporânea repensar o processo de formação de professores e as práticas pedagógicas que se desenrolam na sala de aula. Entre esses desafios está a compreensão sobre que bases estão assentadas essas duas áreas, de forma a reconfigurarmos e apontarmos novas possibilidades de ações e de posturas no ambiente escolar. Como bem sabemos, são os parâmetros exclusivamente epistemológicos e racionais que mais repercutem dentro de uma sala de aula quando tomamos ou temos a expectativa de que o aluno, por exemplo, é dotado apenas de uma capacidade de olhar e sentir o mundo a partir de uma postura hierárquica e “verticalizante”, isto é, como um sujeito que é capaz de conhecer e dominar as coisas conceitualmente.

Considerar e levar em conta o mundo dos valores, dos sentimentos, das paixões, ou melhor dizendo, outros lados de nós mesmos, pode ser uma alternativa para assegurarmos uma formação mais completa e mais aberta do ser humano. Deste modo, este trabalho será dedicado a uma reflexão sobre essas questões, na perspectiva de atualizar ou trazer para o cotidiano da prática pedagógica e quiçá, já no processo de formação dos professores, uma temática que pode nos ajudar a, pelo menos, contrabalançar e colocar em suspeita as atitudes que tem predominado no campo educacional.

Enfim, o desafio que se coloca na atualidade no campo da educação se concentra em uma busca permanente de saídas para questões que tocam diretamente o espaço da sala de aula. Indagamo-nos se a maneira em que são experimentadas as práticas pedagógicas contemporâneas responde ou diz alguma coisa aos alunos e professores, de forma que proporcione um ir além dos aspectos cognitivos e epistemológicos que nela predomina.

Nesse aspecto, cabe olharmos, antecipadamente, para a noção que nos é mais corriqueira quando falamos do homem, para observarmos que ela é fortemente marcada pela ideia de que somos seres racionais e conscientes. Foi na modernidade, sobretudo, ao tomar o entendimento humano como objeto da investigação filosófica, que se concebeu a ideia de um sujeito com a capacidade de conhecer, em que o pensamento tornou-se o centro e a mais importante de nossas capacidades. A consciência, garantida pelo pensamento, é a manifestação dessa capacidade humana para conhecer, para saber que conhece, ter um conhecimento das coisas e de si e uma reflexão sobre esse conhecimento. Ante essa ideia, ser racional e ser consciente adquire um significado de extrema relevância para compreendermos e refletirmos sobre o *sujeito*, o *indivíduo* (o eu), a *pessoa* e o *cidadão*. São essas esferas que constituem o homem em sua dimensão epistemológica, psicológica, ética e política (Cf. CHAUÍ, 2003, p. 130-1).

Nesse sentido e para os fins desse trabalho, para ir além dos pressupostos cognitivos e epistemológicos na educação, defendo que é preciso considerar o campo ético como uma dimensão importante, de forma a trazer para a discussão uma perspectiva diferente, que se não é nova, todavia pode favorecer posturas e rumos alternativos quanto aos dilemas e dramas que reinam no ambiente escolar. A ética, como uma das dimensões humanas, se olhada com cuidado, nos exorta a refletir e a examinar as crenças, os desejos, os valores, os sentimentos que constituem a existência de cada um de nós, indicando o nosso caráter plural, que se manifesta nas nossas formas de agir, sentir, falar e pensar. Isto quer dizer que, quando nos referimos a um indivíduo, aquém da pretensão de reduzi-lo a uma unidade e a uma identidade para todo o sempre, falamos de uma vida que a todo momento é atravessada por modos de existir que não se reduzem ou não podem ser compreendidos a partir de uma única configuração. Retomando Heráclito, o homem que se banha no rio hoje não será o mesmo que experimenta as águas de amanhã, que também se transformaram. A natureza humana, isto é, as características que nos distinguem de outros seres vivos, pode ser vista como marcada por ações, ideias, anseios e gostos que se modificam, contradizem-se, unificam-se e são ultrapassados, indicando o nosso caráter finito, porém incompleto e em plena mudança.

Parto da perspectiva de que há outro de nós em nós mesmos, que nos impele, que nos impulsiona, mas também um Outro fora de nós, que nos interpela a reconhecê-lo e a respeitá-lo, visto que convive socialmente comigo. Convivência, alteridade, respeito são experiências que pertencem ao campo da ética e que nos auxiliam a experimentar novas formas de relacionamento, de pensar e de agir. Neste sentido, a amizade pode ser tomada como uma prática e um estilo de existir que, se adotada e vivida por alunos e professores, faria da sala de aula um espaço aberto a relações intersubjetivas renovadas.

2 | A SALA DE AULA COMO ESPAÇO ÉTICO E DE AMIZADE

o termo 'sala' (testemunhado em 969 como *salla* e no séc. XV como *sala*), referido aos espaços nos quais acontecem as aulas, não tem origem latina, mas remonta ao germânico *sal*, no qual tinha o sentido de 'habitação', referindo-se a um âmbito amplo, de onde se estendeu a denominação genérica para espaços de uso múltiplo, incluindo o educativo (CASTELLO, 2007, p. 77).

Do ponto de vista educativo, a sala é o espaço onde ocorre a aula, isto é, a lição que cada dia o professor dá aos seus alunos. Inserida na escola, seu núcleo e elemento insubstituível, a sala de aula seria um espaço limitado e limitador, hermético, fechado em um cômodo que foi construído ou adaptado para tal fim. Compreendida assim, dela estariam fora outros espaços de aprendizagem, como o mercado, por exemplo, mesmo reconhecendo que ali a criança visualize marcas, produtos, dinheiro, etc. Ou o espaço familiar, quando assimila valores e crenças e constrói atitudes. Ou até mesmo a própria escola, durante os intervalos, no pátio, nos corredores, etc. Nessa perspectiva, "o ato de aprender não se dá apenas nas chamadas salas de aula, mas em todo espaço de convivência onde haja estímulo e solicitação para que a criança assimile uma informação nova, um fato ou mesmo um conceito" (ROBSON, 2011, p. 81).

A história da sala de aula passou por vários movimentos até chegar ao modelo que conhecemos hoje. Com a necessidade de implantação de novos métodos pedagógicos para se organizar o ensino por grupos escolares diferenciados entre si, às vezes por idade e outras por seus resultados de aprendizagem, a sala de aula foi se modificando. Ela passou a ter muitos elementos:

não apenas os docentes e os alunos, mas também mobiliário, instrumentos didáticos, as questões da arquitetura escolar, tudo faz parte da sala de aula. Os bancos escolares, as lousas e os cadernos têm uma história e uma especificidade pouco conhecidas até hoje. Além desse aspecto material, a sala de aula implica também uma estrutura de comunicação entre sujeitos. Está definida tanto pela arquitetura e pelo mobiliário escolar como pelas relações de autoridade, comunicação e hierarquia que aparecem na sala de aula tal como a conhecemos, e que são tão básicas no momento de ensinar que muitas vezes passam despercebidas (DUSSEL, 2003, p.36-37).

Como vemos, na sala de aula habitam pessoas e indivíduos que agem a partir de convicções e valores que foram ou estão se formando ao longo de suas vidas. Uma aula, por exemplo, não se reduz apenas a objetivos instrucionais e à assimilação consciente de conteúdos por parte do aluno, mas se refere também a aspectos afetivos, sócio-culturais e comunicacionais que vinculam os personagens e sujeitos ali existentes.

ao aceitarmos a aula como um conjunto de meios e condições, não podemos deixar de levar em conta que tais condições incluem aquelas ligadas aos aspectos sócio-afetivos dos alunos e professores para que a aula aconteça de forma a atingir seu propósito (ROBSON & INFORSATO, 2011, p. 81).

É nessa perspectiva que podemos considerar a sala de aula um local de encontro. Embora seja um espaço historicamente institucionalizado, a sala de aula pode ser um lugar para transgredirmos e edificarmos maneiras renovadas de nos relacionar. Para além dos conteúdos cognitivos e epistemológicos que aí circulam, é possível, e até mesmo necessário, que a comunidade escolar, sobretudo professores e alunos, crie e invente ocasiões para experimentar novos diálogos e novas relações. A sala de aula seria um espaço revolucionário, plural, de liberdade, de descoberta de si mesmo e de conversações com o mundo e com os outros.

Como seres inacabados que somos, o desafio que é posto para aqueles que querem intensamente fazer de sua existência um momento artístico e de criatividade é se abrir ao outro. Não para anulá-lo e nem submetê-lo a desejos, ordens e regras, porém para nos fazer mais humanos e sensíveis, compartilhando dores e sofrimentos, bem como as alegrias. Reconhecendo esse permanente conflito e o caráter agônico da vida é que nos tornaremos um “outro” para nós mesmos e para o “outro”, a ser considerado, ouvido e respeitado.

E a amizade, no seu sentido mais profundo e original- *philia* -, pode ser tomada como uma disposição, um sentimento, uma paixão e também uma ação mais decidida na direção de mim mesmo e do outro. E, por isso, ela tem a ver com a ética e, por consequência, com a educação e a prática pedagógica que ocorre na sala de aula.

No caso de um amigo, ele é sempre mais do que simplesmente um Outro. É o outro que queremos próximo e toda uma ética da aproximação e da proximidade deve se constituir em resposta ao seu chamado, às suas provocações e solicitações. Tarefa difícil, em se tratando de sala de aula, onde convivem pessoas com histórias e condutas as mais diversas, o que exige um esforço, uma dedicação e um compromisso que nem sempre os conteúdos epistemológicos podem nos oferecer. Vive-se ali em uma condição de possibilidade, de um fazer que pode ser frutífero, o que indica que não há uma finalidade, uma verdade para a qual podemos lançar os nossos olhares e a partir dela orientar as nossas ações.

Se isso não bastasse, a busca dessa proximidade não significa nos subsumir na ideologia da intimidade, que “acaba transformando as categorias políticas e públicas que nos constitui em psicológicas e, ao invés de revelar o diferente que nos marca, nos conduz a um processo de anulação de um no outro” (ORTEGA, 2004, p. 145-6). A proximidade da qual falamos quer ser pensada como uma forma de impessoalidade, de distância para o bom fluir das relações. Fazer valer a impessoalidade é construir uma vida de exterioridade, ou seja, uma vida em que a diferença, o novo, o estranho e o efêmero sejam aceitos como uma forma de edificar a existência humana.

Portanto, quando falamos da sala de aula como espaço de encontro queremos dizer que as relações que brotam na sala de aula não podem se basear em um compartilhamento uniformizado dos mesmos desejos e da mesma forma de pensar, onde alunos e professores se ligam apenas pelo anseio de atingir a perfeição, a estabilidade e a segurança. Ali é um lugar revestido de um caráter agônico e

antagônico, o que quer dizer que se faz necessário o cultivo do “ethos da distância”, em que o principal objetivo seria inserir uma distância nas relações. Isso não significa renunciar a elas e sim deixar de construir uma ligação narcisista em que o outro apenas mantém e fortalece cada vez mais nossa identidade (ORTEGA, 2004). Nesse sentido, a sala de aula torna-se o espaço de encontro das multiplicidades, onde o desejo de conhecer e experimentar o “novo”, o que está por vir, se reveste de uma “dialeiticidade” permanente.

Como suporte dessa, alguns conceitos são fundamentais: diálogo, consenso, tolerância, participação, afeto, acordo, respeito à diferença, etc. Essas ideias pertencem à dimensão ética, e contribuem para a construção de uma maneira nova de existir. E a sala de aula pode ser pensada como um lugar rico para isso, mas sempre buscando ultrapassá-la, pois, para que serve uma sala de aula se não for capaz de nos transportar além de suas portas? Uma pergunta desta natureza nos conduz a refletir e indagar o que estamos fazendo de nós mesmos como professores e alunos quando vivemos em um ambiente como a escola, muitas vezes marcado pelo conflito, pela violência, pela intolerância e o desrespeito, frutos de movimentos da alma nem sempre a alcance de nosso entendimento e domínio. Nesse sentido, o “além de suas portas”, pode ser entendido não como uma superação em vista de um estado melhor, mas como uma atitude de reconhecimento das profundezas do existir humano. Ultrapassar significa dar um passo atrás em direção ao aquém daquilo que nos constitui, aos nossos bastidores que nem sempre se revelam nas cenas de nossas vidas.

Embora consideremos a sala de aula como espaço ético, no sentido que foi exposto até agora, é costume tomá-la como um “momento privilegiado em que se processam o ensino e a aprendizagem, confronto de ideias entre professor e aluno, entre alunos e alunos, busca do aprimoramento de técnicas para maior *racionalização da transmissão de conteúdos*” (NOVASKI, 1995, p.11. Grifo meu). Mas, o que quero chamar a atenção é que se, mesmo tradicionalmente são utilizados como campos inerentes ao ato pedagógico, o ensino e a aprendizagem constituem ocasiões tensas, inquietantes, apaixonantes que, bem cuidadas, são fontes de momentos importantes e até desejáveis para criarmos maneiras novas de relações existenciais.

Na sala de aula não se dá apenas a relação professor-conhecimento-aluno, ou melhor, uma relação epistemológica. Há movimentos e movimentações nesse processo, isto é, somos levados de um lugar e de situações para outros, o que exige que estejamos abertos a aumentar as nossas experiências e vivências, configurando “um processo de ensino-aprendizado realmente humano” (NOVASKI, 1995, p.11). Esse humano é marcado pela vulnerabilidade e pelo imponderável, que não é pré-determinado e não pode conhecer e conceber *a prioristicamente* o que virá pela frente, devendo enfrentar as incertezas, as dúvidas e o caráter precário do existir.

Desse ponto de vista, à sala de aula cabe tornar-se um lugar de encontros que levem em conta as mais diversas, variadas e contraditórias perspectivas e expectativas

que nos formam. As pessoas entram ali, constroem relações, momentos nos quais os interlocutores experienciam perspectivas em uma troca permanente de conteúdos, em que as conversas produzem e fazem surgir e acumular informações enriquecedoras. “Como são infundáveis as perspectivas desde as quais um assunto pode ser abordado, vemos aí então que a aprendizagem não termina nunca, o que torna perigosa, diria mesmo ridícula, a postura de quem se acha o dono do saber” (NOVASKI, 1995, p. 12).

Como um artista, o professor - esse ator do ensinar-aprender – deve se manter firme em suas convicções sem ser dogmático, e respeitoso das convicções alheias sem ser subserviente. Essa criatividade, intrínseca à arte de educar, nos torna mais humanos e mais próximos, enfim, mais eróticos:

uma relação erótica, porque a relação de um professor com um aluno é como a relação de um ator com seu público: quando você aparece em cena, é como se o estivesse fazendo pela primeira vez, e você tem a sensação de que, se não tiver conquistado o público nos primeiros cinco minutos, o terá perdido. É isso o que eu chamo de uma relação erótica, no sentido platônico do termo. Além disso, há uma relação canibal: você come as carnes jovens deles, e eles comem sua experiência (ECO, 2008, p. 5).

Esse “canibalismo” pedagógico de que fala Eco, leva-nos a pensar em algo mais radical, isto é, ao conhecimento que se pode ter cada vez mais do ser humano. Agir assim é ir se inteirando da aprendizagem mais profunda e que realmente interessa na vida: conhecer o humano, o mundo humano. A densidade de sentido dessa experiência se revela por meio de um processo em que o saber não é algo mecânico e instrumental, porém se deriva de um prazer, dor ou sofrimento advindo de uma relação saborosa; doce ou amargo, mas sempre sabor.

Assim, a exigência para a prática de uma nova maneira do educar é também educar-se e não apropriar-se do outro, reduzindo-o a um mero objeto ou coisa. Assim narra Eco:

há pessoas infelizes que passam os primeiros anos de sua vida com pessoas mais jovens, para poder dominá-las, e, quando envelhecem, estão com pessoas mais velhas. Comigo aconteceu o contrário: quando eu era jovem, estava com pessoas mais velhas, para aprender, e agora, tendo alunos, estou com jovens, o que é uma maneira de manter-se jovem. É uma relação de canibalismo; comemos um ao outro (ECO, 2008, p. 5).

Essa imagem de certa antropofagia educacional expõe que, como animais humanos, somos capazes de encontros, de uma abertura que nos aperfeiçoa e que nos alimenta. Para além do que pensa Kant, esse aperfeiçoamento não nos conduziria a um cosmopolitismo social, mas nos prepararia continuamente para o enfrentamento das exigências que o dia-a-dia nos faz, como diagnostica Max Weber sobre a modernidade.

A vida, preñe de sentidos que se renovam a todo instante, é inesgotável. Por isso, tanto na aprendizagem de conteúdos como na aprendizagem do que é o

ser humano, cabe a nós escapar de pensar o mundo como um sistema fechado de conceitos e de ideias ou tentar reduzir o outro a um molde dentro do qual queremos enquadrá-lo. “Muitas vezes temos que deixar de lado todo tipo de abordagem técnico-científica e, desarmados, estar simplesmente com o outro [...] Educar é estar com o outro” (NOVASKI, 1995, p. 13-14). Ser menos epistemológicos e mais éticos ou, no mínimo, buscar um equilíbrio entre essas duas dimensões ou até mesmo incluir outras, como a política, a psicologia e a estética, parece ser a maior das tarefas que temos para a educação atual, seja na prática pedagógica, seja no processo de formação de professores.

Sendo otimista, mas não iludidos, a escola pode tornar-se um espaço onde as pessoas se aproximem, construindo momentos privilegiados de encontros movidos e originados por sentimentos e paixões que nos levem a dignificar as nossas existências. Mas é verdade também que ela pode - e geralmente o faz -, afastar as pessoas das pessoas, o que muitas vezes pode estar despertando outros tipos de paixões que, se não tivermos bem educados para lidar com elas, podem nos levar à violência no âmbito escolar. Talvez seja por aí que possamos compreender alguns fatos que efetivamente ocorrem na ou a partir da escola. E os jornais não se cansam de noticiar sobre isso (APEOESP, 2015).

Um pequeno exercício de reflexão pode nos ajudar. Como foram e são as nossas relações na sala de aula? Quanto tempo demora a se estabelecer – quando se estabelece – um convívio mais próximo entre aluno-aluno e aluno-professor-aluno? De antemão, é preciso levar em conta que o ensinar-aprender do homem não se realiza só como interioridade, como cognição em que conceitos, valores e teorias são assimilados. É também importante se aproximar daquilo que está perto de nós, isto é, o Outro, que pode dar sentido a uma vida diferente de mim. É preciso ponderar que “todas as vicissitudes humanas perpassam de ponta a ponta nesse espaço e tempo, vicissitudes que podem ser traduzidas em conflitos, alegrias, expectativas mal ou nunca satisfeitas, recalques, exibicionismo, esperanças, avanços e retrocessos, enfim, tudo o que é humano” (NOVASKI, 1995, p. 14). Portanto, o professor como também o aluno deveriam estar atentos para responder aos apelos – nem sempre verbais - que emergem no ambiente da sala de aula. Essa responsabilidade significa que eles devem ir além dos conteúdos, transportar-se para além da sala de aula, reconhecendo os limites, a finitude, a complexidade e a fragilidade humana. Não somos algo dado e acabado.

A relação em sala de aula é muitas vezes apresentada como uma relação que se marca e se define pela alteridade; pela forma de compreensão, de percepção e de recebimento da alteridade. É preciso reconhecer isso. Todavia, se não sabemos ou se não somos capazes de reconhecer se essa direção, ou mesmo se essa descrição da sala de aula, como um espaço relacional a envolver fundamentalmente a condição diferenciada e diferenciadora da alteridade, é realmente a mais adequada, que pelo menos a coloquemos em nosso horizonte educacional.

A importância de se considerar a presença e de mediar o conhecimento e o aprendizado pelo outro, a partir da sala de aula, pode contribuir na criação de uma convivência social de outro nível que, sem atribuir à escola o papel de redentora da sociedade, pode favorecer transformações significativas em nossas atitudes. O esperado, portanto, é que se aponte para a importância central do outro, inclusive para o estabelecimento efetivo de um processo de construção cognitiva, processo este que, sem a presença do outro, permanece parcial, precário, ou até mesmo irrealizado. Para essa nova experiência, podemos colocar o tema da amizade em nossas perspectivas educacionais, no sentido de despertar e manifestar desejos, sentimentos, paixões e disposições jamais vividos, pensados e ditos.

Sabemos, por ver ou por recordar, que ao entrar na sala de aula, em seu primeiro dia de escola, o menino ou a menina não pensa no que será a matemática ou na lição de português. Ele quer saber quem será sua professora, mas, sobretudo, quer encontrar um amigo ou fazer amigos. A escola seria para ele, menino, ou para ela, menina, essencialmente isso: o seu primeiro espaço de amizades. Como diz ORTEGA (2004, p.155), “a amizade é um fenômeno público, precisa do mundo, da visibilidade dos assuntos humanos para florescer.”

Num levantamento exploratório realizado com alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio de uma escola pública, com a finalidade de verificar o que se entende por amizade e suas repercussões tanto nas relações humanas quanto nas relações de ensino-aprendizagem, os dados revelam que é possível notar a expectativa positiva que o tema pode provocar.

Quando perguntados o que eles entendem por amizade, as respostas mais frequentes entre os alunos compreendem uma ligação com a confiança, o amor e a união, sendo que a maioria disse que têm amigos e que nunca, quase nunca ou só de vez em quando foi deixada de lado em suas relações na escola. Essa conclusão parece bem próxima daquilo que dissera Aristóteles: “e é entre os bons que são encontradas a confiança, o sentimento expresso pelas palavras ‘ele nunca me faria uma deslealdade’, e todas as outras coisas que se requerem numa verdadeira amizade” (1987, p. 143). Além disso, considera a amizade algo importante, pois favorece a boa convivência, possibilita a criação de novos vínculos, proporciona uma vida feliz, alegre e prazerosa, contribuindo para a partilha das tristezas e alegrias e criando um espírito de confiança, enfim, ela é essencial na vida das pessoas.

No que se refere aos professores, os alunos, na sua grande maioria, consideram que é possível o estabelecimento de uma relação de amizade com eles, visto que pode promover a boa convivência na sala de aula, facilitando o ensino-aprendizagem, e o interesse nas aulas e a construção de um respeito mútuo. A consequência direta deste quadro, como uma parcela significativa respondeu, apontaria na direção de um melhor desempenho escolar, pois a atenção recebida contribui no desejo maior de aprender, favorecendo a realização das atividades escolares e, por conseguinte, a obtenção de boas notas, tornando o ambiente agradável e as aulas fluindo melhor,

proporcionando uma tranquilidade e facilitando a compreensão do conteúdo, na participação e confiança na aprendizagem.

Pelos dados é possível perceber que a amizade ocupa um espaço importante na vida das pessoas e os discursos filosóficos puderam e podem nos ajudar a aprofundar a reflexão e contribuir para olhar com mais atenção às coisas que acontecem no ambiente escolar, especialmente na sala de aula, mudando atitudes para que levem à experimentação de novas formas de vida. Isso significa uma nova postura ética – de professores e alunos.

3 | CONCLUSÕES

Pelo que observamos, a ética é e pode tornar-se um campo de reflexão e de ação humana que possibilita pensarmos de maneira nova as questões educacionais. Ao resguardar a individualidade e a dimensão existencial da vida, a ética nos oferece a oportunidade de apostar no mundo humano, apesar dos fatos e atos bárbaros e cruéis que foram cometidos ao longo da história e que continuam até hoje. Sem a pretensão de hipostasiar qualquer outra vida, mas se restringir a esse mundo, o objetivo aqui foi apenas refletir sobre formas de continuarmos convivendo neste mundo. É necessário, explica a filósofa Hannah Arendt, nos reconciliarmos com o mundo - cenário do horror -, mas também o único espaço que pode conferir dignidade à nossa existência. Cabe a nós, segundo ela, a responsabilidade de arrumar esse lugar:

o fato de o ser humano ter o dom da ação, no sentido de fazer um início, só pode significar que ele foge a qualquer previsibilidade; que, nesse caso, a própria imprevisibilidade tem uma certa probabilidade e que aquilo que “racionalmente” não é de se esperar pode mesmo assim ser objeto da nossa esperança. E esse dom para o imprevisível, por sua vez, se baseia exclusivamente na singularidade, por meio da qual cada um se distingue de qualquer um que foi, é ou será, [...] e essa singularidade se baseia no fato da natalidade, fundamental para toda comunidade humana, e em virtude da qual cada ser humano apareceu no mundo como um Novo singular (ARENDR In: ALMEIDA, 2008, p. 471).

Se à educação cumpre alguma tarefa nesse processo de arrumar o mundo, ela precisa tomar a ética como instrumento para, inicialmente, detectarmos os perigos que o predomínio de uma concepção de mundo universalista e racionalista causou e que continua causando aos humanos. Colocar a ética em diálogo com as questões educacionais – a didática, a prática pedagógica e a formação de professores, por exemplo -, é considerar a finitude humana, o mundo das paixões, da dor, da diferença, do outro, do não lógico, enfim, daquilo que fora abandonado pela ética clássica que, juntamente com a epistemologia, buscava o que está relacionado à unidade, ao universal, ao perfeito, ao verdadeiro e ao eterno.

Se as éticas tradicionais baseavam-se no princípio de que nada existe sem a razão, a ética contemporânea, para bem contribuir com a educação, deve levar em

conta as experiências humanas singulares e não valores concebidos como objetivos e universais, requerendo dos homens obediência a eles. Na ética tradicional, e na perspectiva da sala de aula, alunos e professores estariam impossibilitados de agir e de se comunicar na direção de criar ou iniciar algo novo para o mundo. Nas palavras de Hannah Arendt, a educação:

é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDR, 2007, p. 247).

Preparar as crianças e os jovens em vista de um mundo comum é, do ponto visto ético, não pressupor um padrão ideal, transcendente, teórico e normativo que impede a liberdade e a felicidade dos sujeitos inseridos nesse mundo humano contingencial se manifestarem. “Felicidade e liberdade que não negue a historicidade e a sensibilidade humanas e cuja realização não seja pensada em termos de condições especiais, na qual é pressuposta a superação pelo homem de sua condição mundana e existencial” (AGUIAR, 2001, p. 104). É arriscando, criando, desejando, escolhendo e habitando esse mundo que os homens revelam e experimentam a sua singularidade, o que na sala de aula significaria constituir-se como sujeitos que se familiariza com suas paixões - o outro que habita em nós -, seus medos, suas faltas e falhas. Todavia, se o reconhecimento dessas dimensões não ocorre ou não são levadas em consideração, a tendência é acarretar violências incontroláveis e conflitos contra os outros, contra a *polis*, na verdade contra nós mesmo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, O. A.. **Filosofia e política no pensamento de Hannah Arendt**. Fortaleza: EUFC, 2001.

ALMEIDA, V. S. de. Educação e liberdade em Hannah Arendt. **Educação e Pesquisa**. 2008, vol.34, n.3, p. 465-479.

APEOESP. **Observatório da Violência**. Disponível em <http://www.apeoesp.org.br/publicacoes/observatorio-da-violencia/>. Acesso em: 18 Jul. .2015.

ARENDR, H. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os pensadores, v. 2).

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

CASTELLO, L. A. **Oculto nas palavras**: dicionário etimológico para ensinar e aprender. Belo

Horizonte: Autêntica, 2007.

DUSSEL, I.; CARUSO, M. **A invenção da sala de aula**: uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003.

ECO, U. O professor aloprado. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 11/05/2008 Caderno Mais!., pp. 4-5.

NOVASKI, A. J. C. Sala de aula: uma aprendizagem do humano. In: MORAES, R. (org.). **Sala de aula**: que espaço é esse? Campinas: Papyrus, 1995, pp. 11-15.

ORTEGA, F. Por uma ética e uma política da amizade. In: MIRANDA, D. S. (org.). **Ética e Cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2004, pp. 145-156.

ROBSON, A. S.; INFORSATO, E. C. Aula: o ato pedagógico em si. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de Formação**: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 9, p. 80-85.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos(IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-372-9

